

# O futuro do gás na América Latina

A importância e o crescimento da indústria e do consumo de gás natural na América Latina, onde há importantes reservas de gás, incluindo as descobertas na camada do pré-sal no Brasil, foram os temas centrais do Gas Summit Latin America 2010, realizado no Rio de Janeiro.

por **Maria Fernanda Romero** e **Rodrigo Miguez**

**M**aior produtor de gás no país, o Rio de Janeiro tem a previsão de investimentos de cerca de US\$ 70 bilhões nos próximos dois anos. A estimativa é do secretário de Desenvolvimento Econômico e Energia do Estado do Rio de Janeiro, Julio Bueno, o qual afirmou que a infraestrutura do estado está sendo melhorada e ampliada para atender a crescente demanda dos setores de óleo e gás natural.

**Júlio Bueno** abriu a sétima edição do Gas Summit Latin America, realizado pela primeira vez no Rio de Janeiro, entre os dias 24 e 26 de maio. O evento reuniu especialistas de toda a América Latina para debater questões importantes sobre o mercado, configurando-se ainda como um ambiente muito favorável à troca de informações e novos negócios em toda a cadeia produtiva do gás natural.

O secretário reconheceu que a participação do gás nas cidades do estado ainda é pequena: dos 92 municípios, apenas 32 têm rede pública de distribuição de gás natural, mostrando que a expansão da infraestrutura é essencial para que o produto chegue



Foto: Divulgação



a outras regiões. "O gás natural é muito importante para a economia do Rio de Janeiro", afirmou Julio Bueno, lembrando o grande número de veículos que utilizam o Gás Natural Veicular (GNV) no Rio: 600 mil carros, principalmente táxis.

"Tivemos uma escassez, quando inclusive o Rio foi bastante atingido, mas agora retomamos à abundância do setor", observou ele, ao fazer uma breve retrospectiva do setor de gás no país nos últimos anos. Segundo Bueno, as questões mais

importantes e pertinentes no momento quanto ao mercado de gás são: a gestão do mercado frente ao cenário de abundância, que já está surgindo também diante das descobertas do pré-sal; a infraestrutura que será demandada devido a essa abundância e que facilitará os processos de gás; e principalmente a questão dos preços do mercado, que são muito influenciados pelo fato de o Brasil ter um agente econômico dominante – a Petrobras.

Mesmo não sendo um grande produtor, São Paulo tem papel significativo no cenário de gás do Brasil. O estado tem o segundo maior mercado da América do Sul, sendo o principal

consumidor do insumo no país, especialmente o setor industrial, que necessita usar o gás boliviano. O consumo da indústria paulista aumentou a partir desse ano, com a melhora na economia dos Estados Unidos, que estimulou o crescimento da produção de equipamentos. Um fator interessante em São Paulo refere-se ao setor químico, que substituiu quase que em sua totalidade o consumo de óleo combustível, muito poluidor, pelo gás natural.

### A importância do mercado secundário

O mercado secundário de gás no Brasil, que reúne os leilões de

curto prazo, é ferramenta importante para a comercialização de gás natural no país, na opinião do gerente executivo de marketing e comercialização da área de Gás e Energia da Petrobras, **Antonio Eduardo Monteiro de Castro**. Ele frisou que a iniciativa dos leilões não é uma opção da estatal, mas uma necessidade do mercado.

Segundo ele, a criação do mercado secundário de gás natural no país foi possível devido aos inves-



timentos realizados pela Petrobras para aumentar a produção nacional de gás natural, diversificar as fontes de suprimento a partir dos terminais de regaseificação de gás natural liquefeito (GNL) em Pecém, no Ceará, e na Baía de Guanabara, no Rio, e ampliar a infraestrutura de transporte.

“Os investimentos nesse mercado secundário aumentam a oferta de gás natural e a flexibilidade no atendimento aos segmentos termelétrico e não termelétrico. Os leilões recuperam a competitividade do gás”, indica Antonio. O gerente diz ainda que o mercado secundário é uma consequência

## GNV em veículos pesados como substituto do diesel

O terceiro e último dia do Gas Summit Latin America 2010 contou com um grande debate sobre o uso do gás natural veicular (GNV) em veículos pesados como substituto do diesel. De acordo com os participantes, a substituição reduz as emissões de gases poluentes e é uma alternativa viável, tecnológica e econômica.

POR CONTA DO CRESCENTE aumento da frota de veículos utilizando o óleo diesel como combustível, e as implicações de natureza ambiental e de dependência da importação desse combustível, têm surgido diversas iniciativas para sua substituição.

Segundo **Rosalino Fernandes**, presidente da Associação Latinoamericana de GNV (ALGNV), neste cenário a principal alternativa ao diesel tem sido o gás natural. “O gás natural é utilizado de forma comercial há mais de 20 anos, embora no Brasil as tentativas de sua utilização tenham enfrentado barreiras, de natureza operacional e financeira”, aponta o executivo.

Entretanto, ele explica que a partir de experiências realizadas no exterior, o uso do gás natural em veículos

pesados já vem sendo empregado há mais de 20 anos, especialmente por conta dos benefícios resultantes do seu uso, como a redução em 40% das emissões poluentes causadas pelo diesel, causando especial impacto na saúde da população exposta aos seus efeitos. “O ruído causado também a partir dos motores a diesel pode ser reduzido em até 50%, como tem sido comprovado em experiências no exterior e testes de laboratórios feitos no Brasil”, complementa.

De acordo com Fernandes, esses benefícios têm importante amplitude social e econômica, especialmente do ponto de vista da saúde pública, para motivar uma profunda reflexão, seguida de discussões sobre o tema. O executivo apontou ainda como principais benefícios dessa substituição: o aumento da segurança energética nacional e a redução de ruídos e riscos ambientais.

“Consideramos o gás natural como grande alternativa para a redução das

emissões. No caso brasileiro, o aumento da oferta de gás vai trazer grandes oportunidades para esse mercado, mas será necessário criar políticas de estímulo eficientes do governo para se expandir e aproveitar isso”, diz Alessandro Depetris, responsável pela homologação de veículos da Iveco.

Fernandes indica ainda que, na América Latina como um todo, o panorama do GNV é positivo: na capital peruana, Lima, a construção de um sistema exclusivo de circulação de ônibus para transporte urbano, totalmente a gás, conhecido como BRT (Bus Rapid Transit) está em fase final.

Na Colômbia, o sistema de ônibus a gás já funciona há cerca de três anos em Bogotá. “Há esforços também na Argentina e no Chile. Então, podemos dizer que está indo bem o desenvolvimento do GNV na América Latina”, afirma.

Entre os temas que foram abordados estiveram as experiências na América Latina sobre o uso em GNV de veículos pesados, apresentação do kit de conversão diesel-gás em desenvolvimento pela indústria e a sua performance, e a visão da fabricante de motores sobre a nova tecnologia, análise de normatização do GNV em veículos pesados no Brasil.





racional da estrutura do mercado de gás brasileiro, e não uma opção da Petrobras.

O primeiro leilão eletrônico de gás natural do ano, da Petrobras, teve venda de 6,87 milhões de m<sup>3</sup>/dia. A oferta total foi de 22 milhões de m<sup>3</sup>/dia por um prazo de seis meses. O início de entrega aconteceu no dia 1º de abril, quando 16 distribuidoras de gás natural participaram e arremataram volumes.

Antonio comentou que este ano o uso das usinas termelétricas de gás natural foram grandes devido ao alto consumo de energia no início do ano, por causa das altas temperaturas no país. Ele lembrou que no primeiro trimestre de 2009 houve maior retração no mercado de gás.

### Bolívia: perspectivas positivas

O diretor nacional de Gás Natural da Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos (YPFB), **Jorge Sosa**, afirmou que a companhia tem investimentos previstos de US\$ 8,5 bilhões até 2015, sendo 61% da empresa estatal boliviana e 39% de capital privado.

A perspectiva de ampliação do mercado boliviano para os países vizinhos é positivo. Segundo ele, a expectativa é aumentar o volume cedido à Argentina de 5 para 27 milhões de m<sup>3</sup> por dia, de forma

progressiva. Há ainda um compromisso com a Petrobras de exportação de 31,5 milhões de m<sup>3</sup>.

Pelo fato de o gás ser uma fonte de energia finita, a produção do produto nos campos do pré-sal será importante para o país. "A produção de gás do pré-sal irá repor a atual que encontrará o seu declínio natural", afirmou Antonio Eduardo Monteiro de Castro, gerente executivo de Gás e Energia da Petrobras.

Segundo o executivo da empresa, o consumo de térmicas não é elevado no país, tanto que no ano passado houve excedente na oferta de gás natural. De acordo com ele, o uso das térmicas varia muito de um ano para o outro, dependendo do cenário nacional. Antonio de Castro afirmou que este ano foi atípico, com temperaturas muito elevadas e que resultaram na necessidade do uso das usinas térmicas por causa do alto consumo de energia.

De olho no GNL (Gás Natural Liquefeito) brasileiro, a Gas Transboliviano (GTB), responsável pelo lado boliviano do gasoduto Bolívia-Brasil (Gasbol), estuda entrar no mercado brasileiro de processamento de gás natural, como parte de uma estratégia de diversificação na atuação, contou, durante o evento, o presidente da transportadora, Christian Inchauste.

A ideia é atuar em conjunto com a Petrobras na exportação de GNL

para o mercado europeu. A liquefação do gás natural seria feita no Sudeste brasileiro, podendo ser tanto numa planta de liquefação em terra como em um navio com capacidade para processar o gás, informa o gerente de comercialização da GTB, Alfonso Canedo.

A empresa informou que planeja também entrar com força nos mercados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, cujas economias cresceram entre 20% e 30% na última década. O foco seria fornecer gás para a UTE Cuiabá (580 MW) e os mercados petroquímico e veicular. A empresa boliviana olha com interesse para UTEs de São Paulo. A ideia é entrar como sócia nos projetos, incluindo futuros gasodutos na região Centro-Oeste.

No setor petroquímico, a empresa está em fase de conversas preliminares com a Braskem para entrar como sócia da empresa brasileira no projeto de US\$ 2 bilhões na fronteira entre Porto Suarez e Cuiabá. Com capacidade para produzir 30 milhões de m<sup>3</sup>/dia de polietilenos, o projeto demandaria 700 mil t/ano de gás natural, que seriam fornecidas via Gasbol.

O executivo espera que o contrato de venda de gás entre o Brasil e a Bolívia seja revisto em 2019, quando termina o atual. A GTB confia que o volume acertado seja de 24 milhões de m<sup>3</sup>/dia, contra os 30 milhões de m<sup>3</sup>/dia atuais. A ideia é que a Bolívia destine 6 milhões de m<sup>3</sup>/dia ao mercado interno e o restante ao mercado internacional. "A oferta de gás natural no Brasil deverá crescer muito nos próximos anos com o início das atividades no pré-sal. Vamos ter que ser mais agressivos", conta o executivo.

### Equador e Colômbia: gás como complementação

O segundo dia do Gas Summit foi dedicado a workshops, nos

quais os representantes das companhias de gás latinoamericanas falaram sobre o papel deste insumo na economia do continente, em tempos de fontes renováveis de energia.

Na opinião de Pablo Cisneros, gerente-geral da Petroenap, empresa mista que reúne a Petroecuador e a chilena Enap (Empresa Nacional del Petróleo), a função do gás natural é de complementar a matriz de energia, sendo mais uma opção energética.

Ele afirmou ainda que o GLP foi um grande erro no Equador. Para Pablo Cisneros, o Gás Natural Liquefeito (GNL) é uma opção melhor do que o Gás Natural Concentrado (GNC), pois a logística de transporte é mais simples e o armazenamento ocupa menos espaço.

Para suprir a demanda de gás no Equador, a Petrocomercial está

construindo uma planta de liquefação de 200 toneladas por dia em Manchala, na Costa do Pacífico, onde as operações irão começar em novembro deste ano. "É necessário gerar políticas que promovam o uso do gás, através de incentivos tributários para equipamentos e máquinas. Isso é importante para a produção de energia renovável, aumentando, assim, a eficiência energética", disse Cisneros.

Sobre o cenário colombiano, o gerente de novos negócios da Promigas, Jairo Castro, informou que o consumo de gás natural no país é muito bom, apesar das poucas reservas existentes. "Embora nossas reservas sejam limitadas temos uma boa penetração no país, onde temos cinco milhões de usuários", afirmou.

Jairo Castro disse que o país está investindo no incremento da exploração. Em 2008, este volume

chegou a mais de US\$ 400 milhões. Do total de 6 mil km de gasodutos na Colômbia, a empresa possui 2.200 km. De acordo com os dados apresentados no workshop, mais de 45% dos habitantes têm acesso ao gás natural.

Além disso, assim como no Rio de Janeiro, houve um boom na conversão de veículos da gasolina para o gás. As conversões começaram com os ônibus, mas, hoje, os táxis também rodam com GNV.

Mas para que o setor energético evolua da forma como os governos desejam, é necessário investir, e muito. Segundo Maurício Garron, executivo principal de Energia da Corporación Andina de Fomento (CAF), até 2030 será preciso realizar gastos de US\$ 1,4 trilhões, ou aproximadamente US\$ 70 bilhões anuais. Dentro destes números consideráveis, o setor gasífero precisará de US\$ 26 bilhões. ■

## Navegue no melhor do setor naval e offshore.

Notícias do Brasil e do mundo, matérias especiais, informações técnicas e de negócios, ou seja, uma infinidade de dados para auxiliar você no dia a dia a tomar decisões precisas sobre novos projetos. Um espaço para troca de ideias e experiências que ajudem a desenvolver ainda mais este importante setor. Eis é a principal meta do Portal Naval.